

PAUL AUSTER

# Diário de inverno

*Tradução*

Paulo Henriques Britto



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2012 by Paul Auster

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Título original*  
Winter Journal

Tradução do poema “Le Balcon”, de Baudelaire (página 56)  
Ivan Junqueira (Ed. Nova Fronteira)

*Capa*  
Rita da Costa Aguiar

*Preparação*  
Paula Colonelli

*Revisão*  
Thaís Totino Richter  
Marina Nogueira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Auster, Paul  
Diário de inverno / Paul Auster; tradução Paulo Henriques Britto.  
— 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2014.

Título original: Winter Journal.

ISBN 978-85-359-2471-8

1. Ficção norte-americana I. Título.

---

14-05943

CDD-813

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 813

[2014]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)

[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)

Você acha que nunca vai acontecer com você, que não pode acontecer com você, que você é a única pessoa no mundo com quem nenhuma dessas coisas jamais há de acontecer, e então, uma por uma, todas elas começam a acontecer com você, do mesmo modo como acontecem com todas as outras pessoas.

Seus pés descalços no assoalho frio quando você se levanta da cama e anda até a janela. Você tem seis anos de idade. Lá fora está nevando, e os galhos das árvores do quintal estão embranquecendo.

Fale agora antes que seja tarde demais, e torça para que você possa continuar falando até não haver mais nada a ser dito. O tempo está se esgotando, no final das contas. Talvez seja melhor deixar de lado as suas histórias por ora e tentar examinar a sensação de viver dentro deste corpo, desde o primeiro dia da sua vida do

qual você se lembra até hoje. Um catálogo de dados sensoriais. O que poderia ser denominado *fenomenologia da respiração*.

Você tem dez anos de idade, e o ar de verão está quente, um calor opressivo, tão úmido e desconfortável que até mesmo agora, sentado à sombra das árvores do quintal, você sente o suor se formando na testa.

É um fato incontestável que você não é mais jovem. Dentro de um mês você vai completar sessenta e quatro anos de idade, e embora isso não seja uma velhice extrema, não seja o que as pessoas chamam de uma idade avançada, não há como não pensar em todas aquelas outras pessoas que não conseguiram chegar até onde você chegou. Este é um exemplo das diversas coisas que nunca poderiam acontecer, mas que na verdade aconteceram.

O vento no seu rosto na nevasca da semana passada. A terrível sensação cortante do frio, e você lá fora, nas ruas vazias, perguntando a si próprio o que o teria levado a sair de casa no meio de uma tempestade feroz, e no entanto, apesar de ter de se esforçar para manter o equilíbrio, havia uma sensação revigorante naquele vento, a alegria de ver aquelas ruas tão conhecidas transformadas num torvelinho de neve branca.

Prazeres físicos e dores físicas. Os prazeres do sexo acima de tudo, mas também os prazeres de comer e beber, de deitar-se numa banheira de água quente, de coçar uma coceira, de espirrar e peidar, de ficar uma hora a mais na cama, de virar o rosto

para o sol numa tarde amena de final de primavera ou início de verão e sentir o calor penetrando na pele. Exemplos incontáveis, não há um dia que tenha se passado sem um momento ou mais de um momento de prazer, e no entanto as dores são sem dúvida mais persistentes e intratáveis, e em uma ocasião ou outra quase todas as partes do seu corpo já sofreram algum ataque.

Olhos e ouvidos, cabeça e pescoço, ombros e costas, braços e pernas, garganta e estômago, tornozelos e pés, para não falar na bolha imensa que uma vez brotou na sua nádega esquerda, a qual o médico deu o nome de *quistó*, que aos seus ouvidos pareceu o nome de uma doença medieval, e que o impediu de se sentar em cadeiras por uma semana.

A proximidade de seu pequeno corpo em relação ao chão, o corpo que lhe pertencia quando você tinha três, quatro anos, isto é, a distância curta entre seus pés e a cabeça, e como as coisas a que você agora não dá mais atenção atraíam seu interesse constantemente naquele tempo: o mundo minúsculo das formigas e moedas perdidas, dos galhos caídos e chapinhas de garrafas amassadas, dos dentes-de-leão e trevos. Mas especialmente as formigas. É delas que você se lembra melhor. Exércitos de formigas a entrar e sair de morros de terra.

Você tem cinco anos de idade, está de cócoras junto a um formigueiro no quintal, examinando com atenção as idas e vindas de suas amiguinhas de seis patas. Sem que você o veja nem ouça, o seu vizinho de três anos se coloca atrás de você e acerta a sua cabeça com um ancinho de brinquedo. Os dentes do anci-

nho ferem seu couro cabeludo, o sangue escorre por entre seus cabelos e desce a sua nuca, você volta para casa correndo aos gritos, e a sua avó cuida das suas feridas.

Palavras da sua avó para sua mãe: “O seu pai seria um homem maravilhoso — se fosse diferente”.

Hoje de manhã, ao acordar em mais uma escura madrugada de janeiro, uma luminosidade cinzenta e esbatida penetrando o quarto, lá está o rosto da sua mulher virado para o seu, os olhos ainda fechados, ainda imersa no sono, as cobertas puxadas até a altura do pescoço, sendo a cabeça a única parte de seu corpo que está visível, e você se admira ao ver como está bela, como parece jovem, mesmo agora, trinta anos depois da primeira vez que você dormiu com ela, depois de trinta anos vivendo juntos sob o mesmo teto e dormindo na mesma cama.

Hoje continua nevando, e ao se levantar da cama e ir até a janela você vê que os galhos das árvores do jardim dos fundos estão embranquecendo. Você tem sessenta e três anos. Você se dá conta de que quase não houve nenhum momento durante a longa jornada da infância até agora em que você não estivesse apaixonado. Trinta anos de casado, sim, mas nos trinta anos anteriores, quantas paixonites e flertes, quantos ardores e conquistas, quantos delírios e surtos enlouquecidos de desejo? Desde os primórdios da sua vida consciente, você é um escravo voluntário de Eros. As meninas que amou quando menino, as mulheres que amou como homem, uma diferente da outra, umas gorduchas e outras esguias, umas baixas e outras altas, umas livrescas e outras

atléticas, umas melancólicas e outras sociáveis, umas brancas, outras negras e outras asiáticas, nenhum detalhe de superfície jamais fez diferença para você, só contava a luz interior que você percebesse nela, a faísca de singularidade, a chama de identidade revelada, e aquela luz fazia com que ela lhe parecesse bela, mesmo que os outros fossem cegos para a beleza que você via, e então você ardia para estar com ela, para estar perto dela, pois a beleza feminina é algo a que você jamais pôde resistir. Desde os primeiros dias na escola, no jardim de infância em que você se apaixonou por aquela menina com um rabo de cavalo louro comprido, e quantas vezes você não foi castigado pela srta. Sandquist por ter escapulado com a menininha que era a sua paixão do momento, os dois sendo encontrados juntos em algum canto fazendo travessuras, mas esses castigos não tinham importância, pois você estava apaixonado, e você já era refém da paixão nesse tempo, tal como continua a ser refém da paixão ainda hoje.

O levantamento das suas cicatrizes, em particular as do seu rosto, que você vê todas as manhãs quando se olha no espelho do banheiro para fazer a barba ou pentear o cabelo. Você raramente pensa nelas, mas sempre que o faz, compreende que elas são marcas da vida, que aquelas linhas irregulares traçadas na pele do seu rosto são letras do alfabeto secreto que conta a história de quem você é, pois cada cicatriz é o vestígio de um choque inesperado com o mundo — ou seja, um acidente, ou alguma coisa que não precisava ter acontecido, já que por definição um acidente é algo que não precisa acontecer. Fatos contingentes em oposição a fatos necessários, e a consciência, enquanto você se olha no espelho nesta manhã, de que toda a vida é contingente, tirando o único fato necessário de que, mais cedo ou mais tarde, ela chegará ao fim.

Você tem três anos e meio, e a sua mãe, aos vinte e cinco anos, grávida, levou-o com ela para fazer compras numa loja de departamentos no centro de Newark. Ela está acompanhada por uma amiga, mãe de um menino que também tem três anos e meio. A certa altura, você e seu amiguinho se separam das mães e começam a correr pela loja. É um espaço aberto imenso, sem dúvida o maior aposento em que você já pôs os pés, e é uma sensação e tanto poder correr como um louco por essa gigantesca arena fechada. Por fim, você e o outro menino caem de barriga no chão e começam a deslizar pela superfície lisa, como se andassem de trenó sem trenó, e a brincadeira é tão deliciosa, proporcionando um prazer tão extático, que você se torna cada vez mais afoito, cada vez mais ousado no que está disposto a tentar. Você chega a um trecho da loja que está em construção ou em reforma, e sem se dar ao trabalho de ver que ali pode haver obstáculos, joga-se de barriga no chão de novo e sai deslizando pela superfície lisa como vidro até se dar conta de que está seguindo diretamente a uma bancada de carpinteiro de madeira. Com um pequeno movimento de seu corpinho, você acha que pode evitar o choque com a perna da mesa que se aproxima rapidamente, mas não se dá conta, naquela fração de segundo em que é necessário mudar o rumo, que há um prego saindo da perna da mesa, um prego comprido, tão baixo que está à altura do seu rosto, e antes que você tenha tempo de se deter a sua face esquerda é perfurada pelo prego quando você passa por ele a toda a velocidade. Metade do seu rosto é rasgada. Sessenta anos depois, você não se lembra mais do acidente. Lembra-se da correria e da brincadeira de deslizar no chão, mas não se lembra da dor, não se lembra do sangue, não se lembra de ser levado às pressas para o hospital, nem do médico que costurou o seu rosto. Ele fez um serviço excelente, sua mãe sempre dizia, e como jamais se recuperou do trauma de ver seu primogênito com meio rosto rasgado, ela dizia isso repetidamente: algo a ver com um método sutil de sutura



dupla que minimizou o dano e impediu que você ficasse desfigurado para o resto da vida. Você poderia ter perdido o olho, ela lhe dizia — ou, num tom ainda mais dramático, podia ter morrido. Sem dúvida ela tinha razão. A cicatriz foi ficando mais e mais fraca com o passar dos anos, mas continua ali, quando você procura por ela, e você vai levar este emblema da sua boa sorte (o olho preservado! a vida preservada!) até a morte.

Cicatrizes partindo as sobrancelhas, uma à esquerda e outra à direita, quase perfeitamente simétricas, a primeira consequência de uma vez em que você esbarrou a toda a velocidade numa parede de tijolo durante uma partida de queimada numa aula de educação física do curso primário (o olho roxo inchado enorme que você exibiu durante alguns dias, que o fazia pensar numa foto do boxeador Gene Fullmer, derrotado numa luta decisiva do campeonato por Sugar Ray Robinson mais ou menos na mesma época), e a segunda, aos vinte e poucos anos, quando você tentou fazer uma bandeja numa partida de basquete ao ar livre, levou uma falta por trás e foi de cara no poste de metal que sustentava a cesta. Outra cicatriz no queixo, origem desconhecida. Provavelmente vestígio de um tombo levado na primeira infância, na calçada ou por cima de uma pedra que abriu sua carne e deixou uma marca, a qual ainda pode ser percebida toda vez que você faz a barba de manhã. Não há nenhuma história acompanhando esta cicatriz, sua mãe nunca falou sobre ela (pelo menos não que você lembre), e parece-lhe estranho, se não intrigante, que essa linha permanente tenha sido gravada no seu queixo por algo que só pode ser denominado *uma mão invisível*, que seu corpo tenha sido palco de acontecimentos que foram apagados da história.

Estamos em junho de 1959. Você tem doze anos, e dentro de uma semana sua turma da sexta série vai concluir o curso primário, no qual você foi matriculado aos cinco anos. É um dia magnífico, um final de primavera em sua encarnação mais luminosa, o sol brilhando num céu azul sem nuvens, quente mas não quente demais, baixa umidade, uma brisa suave percorrendo o ar e roçando seu rosto, pescoço e braços nus. Terminadas as aulas naquele dia, você e um grupo de amigos vão até o Grove Park para jogar uma partida improvisada de beisebol. O Grove Park não é exatamente um parque, é mais uma espécie de rossio, um retângulo grande de grama bem cuidada cercado de casas nos quatro lados, um lugar agradável, um dos mais belos espaços públicos na cidadezinha de Nova Jersey onde você mora, e você e seus amigos vêm muito aqui para jogar beisebol depois das aulas, pois o beisebol é a coisa que todos vocês mais amam, e vocês ficam jogando por horas a fio sem jamais se cansar. Não há nenhum adulto por perto. Vocês criam suas próprias regras e resolvem as desavenças por conta própria — normalmente com palavras, de vez em quando com socos. Mais de cinquenta anos depois, você não lembra nada a respeito da partida que foi jogada naquela tarde, porém lembra apenas o que se segue: o jogo terminou, e você está parado, sozinho, no meio do campo, jogando consigo próprio, ou seja, lançando uma bola lá no alto e acompanhando sua subida e descida até que ela caia dentro da sua luva, quando então você a lança de novo imediatamente, e cada vez que você joga a bola para o alto ela sobe mais do que da vez anterior, e depois de alguns lances a bola está atingindo altitudes inéditas, ficando vários segundos no ar, a bola branca subindo contra o fundo do céu azul límpido, a bola branca caindo dentro da sua luva, e todo o seu ser está envolvido nessa atividade besta, sua concentração é total, agora nada existe além da bola, do céu e da sua luva, o que significa que seu rosto está virado para o alto, que

você está olhando para cima acompanhando a trajetória da bola, e portanto não tem mais consciência do que está acontecendo no chão, e o que acontece no chão enquanto você olha para o céu é alguma coisa ou alguém que surge inesperadamente e atinge você, e o impacto é tão súbito, tão violento, tão avassalador que você imediatamente cai no chão, tendo a impressão de que foi derrubado por um tanque de guerra. O alvo do golpe era a sua cabeça, a testa em particular, mas também o seu torso foi atingido, e caído no chão, arquejante, aturdido e quase desmaiado, você vê o sangue escorrendo da sua testa, escorrendo, não, jorrando, e assim você tira a camiseta branca e a aperta contra o lugar de onde o sangue esguicha, e numa questão de segundos a camiseta branca fica inteiramente vermelha. Os outros garotos estão alarmados. Eles vêm correndo em sua direção e tentam ajudá-lo, e só então você entende o que aconteceu. Ao que parece, um membro do seu grupo, um idiota desajeitado e de bom coração chamado B. T. (você se lembra do nome dele, mas não vai divulgá-lo aqui, pois não quer constrangê-lo — se é que ele ainda está vivo), de tão impressionado com as bolas estratosféricas que você estava lançando, enfiou *na cabeça dele* que também ia participar do jogo, e sem se dar ao trabalho de avisá-lo de que também ele ia tentar pegar as bolas que você estava lançando, começou a correr em direção à bola que caía, a cabeça virada para cima, é claro, e a boca escancarada, típica do seu jeito aparvalhado (onde já se viu uma pessoa correr com a boca escancarada?), e quando ele esbarrou em você no instante seguinte, os dentes daquela boca aberta cravaram *na sua cabeça*. Daí o sangue que agora está jorrando, daí a profundidade do corte na pele acima do seu olho esquerdo. Por sorte, o consultório do médico da sua família fica do outro lado da rua, numa das casas que formam o perímetro do Grove Park. Os meninos resolvem levá-lo para lá imediatamente, e assim você atravessa o parque

apertando a camiseta sangrenta contra a cabeça na companhia dos seus amigos, talvez quatro, talvez seis, você não lembra mais, e todos entram de repente no consultório do dr. Kohn. (Você não esqueceu o nome dele, tal como não esqueceu o nome da sua professora do jardim de infância, a srta. Sandquist, nem o nome dos outros professores que teve quando menino.) A recepcionista diz a você e seus amigos que o dr. Kohn está atendendo uma paciente no momento, e antes que ela tenha tempo de se levantar da cadeira para dizer ao médico que surgiu uma emergência, você e seus amigos entram na sala de consulta sem se dar ao trabalho de bater à porta. Encontram o dr. Kohn conversando com uma mulher de meia-idade, gorducha, sentada no leito trajando apenas sutiã e anágua. A mulher solta uma intervenção de espanto, mas assim que o dr. Kohn vê o sangue que jorra da sua testa, ele diz à mulher que se vista e vá embora, manda os seus amigos caírem fora e mais que depressa começa a costurar o corte. É um procedimento doloroso, pois não há tempo de dar anestesia, mas você faz o possível para não urrar enquanto ele dá os pontos, furando sua pele com a agulha. O serviço que ele faz talvez não seja tão brilhante quanto o que foi executado pelo médico que costurou o seu rosto em 1950, mas apesar disso é eficaz, porque você não morre de hemorragia e não tem mais um buraco na cabeça. Alguns dias depois, você e seus colegas da sexta série participam da cerimônia de formatura do curso primário. Você foi escolhido para ser o porta-bandeira, o que significa que você precisa atravessar o auditório carregando a bandeira dos Estados Unidos para em seguida fixá-la no palco. Sua cabeça está envolta num curativo de gaze branca, e como o sangue de vez em quando ainda vaza do lugar onde você levou os pontos, a gaze branca ostenta uma mancha vermelha grande. Depois da cerimônia, sua mãe diz que, ao ver você indo em direção ao palco com a bandeira, ela lembrou-se de um quadro que

mostrava um herói ferido na Guerra da Independência. Sabe, diz ela, é igualzinho a *O espírito de 76*.

O que pressiona você, o que sempre pressionou você: o ar livre, isto é, o ar — ou, mais precisamente, o seu corpo no ar a sua volta. As solas dos seus pés plantadas no chão, mas todo o resto do corpo exposto ao ar, e é aí que a história começa, no seu corpo, e tudo vai terminar no corpo também. Por ora, você está pensando no vento. Mais tarde, se der tempo, vai pensar no calor e no frio, nas infinitas variedades de chuva, nos nevoeiros que você atravessou trôpego como se fosse cego, no tamborilar enlouquecido, como o disparo de uma metralhadora, das pedras de granizo batendo nas telhas da casa em Var. Mas é o vento que prende a sua atenção agora, pois o ar quase nunca está parado, e além da respiração quase imperceptível do nada que por vezes cerca você, há também brisas e virações suaves, súbitas rajadas e borrascas, o mistral que soprava por três dias naquela casa com telhado de telhas, a nordestada que varre a costa atlântica, os vendavais e furacões, os remoinhos. E lá está você, vinte e um anos atrás, caminhando pelas ruas de Amsterdam, estado de Nova York, a caminho de um evento que já foi cancelado sem que você ficasse sabendo, tentando cumprir o compromisso que você assumiu, durante a tempestade que mais tarde será chamada de *tempestade do século*, um furacão tão devastador que uma hora depois da sua decisão teimosa e imprudente de sair à rua, árvores enormes serão arrancadas do chão em todos os cantos da cidade, chaminés desabarão e carros estacionados serão levantados e arrastados pelo ar. Você caminha com o rosto contra o vento, tentando avançar pela calçada, mas embora tente seguir em direção ao destino pretendido, você não consegue se mexer. O vento o empurra com força, e por um minuto e meio você fica imobilizado.